

## MÁSCARAS

**Vilém Flusser**

Publicado na *Folha de São Paulo* em 16/02/72.

Os outros me vêem como sou, ou sou como me vêem os outros? O difícil não é saber como me vêem os outros. Posso lê-lo nos seus olhares. O difícil é descobrir quem sou eu. A socrática recomendação do autoconhecimento e o mandamento shakespeariano de sermos fiéis a nós mesmos impõem dura tarefa. Muito mais fácil é assumir-me tal como me veja nos olhares dos outros. Por exemplo, os outros me chamam de subdesenvolvido em vias de desenvolvimento? Por isso serei tudo isso “a outrance”, e eis que me desenvolverei maravilhosamente. Desempenharei o papel que me foi imposto de fora maravilhosamente. Vejam como o Japão conseguiu isto. O mundo o admira. A máscara ocidental lhe assenta tão bem, que até os olhos das ex-gueixas já parecem “caucasianos”. O “nequi-tai- neck tie” (e com ele o milagre econômico) triunfa. O Japão está a caminho do seu grandioso destino. A saber, o destino que lhe foi reservado pelos outros. Ao ter assumido a máscara, o Japão desistiu da difícil tarefa de encontrar-se. Modelo japonês? Não, máscara japonesa. Mas não se pode andar mascarado impunemente por tempo indeterminado. Não se pode representar o papel de tecnocrata sempre impunemente, quando se é no fundo samurai (ou pai de santo) . Não se pode, porque uma surda sensação que brota do núcleo vai desmentindo tudo. A sensação diz: tudo isto está errado. Nada daquilo que faço me diz respeito. Não me diz respeito porque eu não me respeito. E é nessa surda sensação que pode dar-se a descoberta do próprio eu. No nojo de si mesmo. Não sei se há no Japão equivalente do Carnaval brasileiro. Eu duvido. Porque o Carnaval rompe periodicamente a mascarada. Periodicamente, vastas camadas da população brasileira se descobrem. Assumem-se, não como as vêem os outros (subproletariado) mas como são (orgiasticamente festivas). Passam a viver, periodicamente, não papéis pré-determinados por outros, mas funções pré-determinadas pela sua própria estrutura. Isto é: passam a viver de verdade. Os outros chamarão a isto: alienação coletiva. E sorrirão o seu sorriso turístico condescendente. “Alienação”, porque abandono de uma realidade imposta por eles. Mas, para os participantes do Carnaval, alienação é o resto do ano. Embora devam admitir, por força da “circunstância” (como se diz), que retomarão as máscaras impostas na quarta-feira de cinzas. Mas, dado o domingo, provavelmente não serão japoneses nunca. Quem será, possivelmente, somos nós, os burgueses duplamente alienados, que usamos duas máscaras (ou, quiçá, nenhuma).